

BRASILEIRO 169

13 (7)



REPARTIÇÃO ESPACIAL DA HERPETOFAUNA NO TRÓPICO SEMI-ÁRIDO

- O caso da região de Ouricuri - PE -

J. R. MIRANDA

[Handwritten signature]

[Handwritten mark]

O PROBLEMA ESTUDADO:

O conhecimento dos sistemas ecológicos do trópico semi-árido brasileiro ainda é bastante insuficiente e dos trabalhos disponíveis, raros são os dedicados à fauna da região, apesar das inúmeras relações existentes entre esta e as atividades humanas. Animais selvagens constituem parte da alimentação do sertanejo, que se utiliza da caça, quando seus recursos alimentares não são o bastante para sua subsistência (épocas de seca). Nesse sentido não pela quantidade, mas pela qualidade (proteínas) e pela época em que intervém (momentos de crise), a fauna selvagem participa do equilíbrio alimentar das populações rurais.

As relações entre fauna selvagem e agricultura, podem ser benéficas ou nocivas. Sabe-se no caso dos insetos, por exemplo, que os efeitos benéficos são bem superiores (polinização, controle biológico de pragas, decomposição de resíduos de colheitas, incorporação ao solo de matéria orgânica, ação sobre estrutura e textura dos solos) aos nocivos (insetos fitófagos). Já os anfíbios e répteis são animais quase que exclusivamente insetívoros, principalmente os lagartos, animais ligados ao controle das populações de insetos fitófagos. Isso representa um dado importante para futuras pesquisas que tenham interesse em utilização de controle biológico.

Enfim, apesar de lamentável, a atividade exploratória e predatória sobre a fauna selvagem representa uma fonte de renda significativa para uma parcela da população rural (comércio de peles, couros, mel, cêra, carne e animais de coleção).

Em vista desses aspectos supra-citados, o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semi-Árido vem desenvolvendo trabalhos na área de zoologia, buscando detectar, identificar, qualificar e quantificar as relações existentes entre a fauna selvagem da região e a agricultura. Dada a abrangência do problema, o CPATSA tem limitado sua atuação a uma região (Ouricuri-PE) e a uma grande taxocenose (vertebrados terrestres).

Este trabalho tem por objetivo expor parte dos resultados obtidos no

que se refere a herpetofauna da região, abordando em particular os problemas ligados à caracterização e à compreensão da repartição espacial das espécies.

AVALIAÇÃO FAUNÍSTICA: ASPECTO METODOLÓGICO

Uma descrição circunstanciada dos métodos empregados na avaliação dos povoamentos faunísticos da região de Ouricuri pode ser encontrada nos documentos relativos ao projeto de pesquisa (MIRANDA, 1980) e seus relatórios (MIRANDA, 1981), ou em publicações oriundas deste trabalho, em particular MIRANDA & MIRANDA 1981.

O estudo zooecológico da região de Ouricuri, envolvia uma área de aproximadamente 7.000 Km² (figura 1). Após o estudo crítico dos documentos disponíveis sobre a ecologia da região, foi definido um plano de amostragem estratificada aleatória.

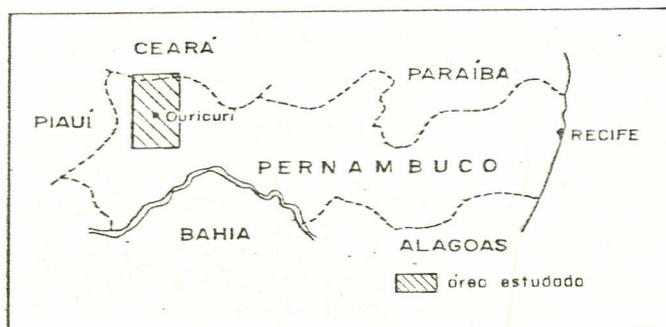


Fig. 1. Ouricuri, no alto sertão de Pernambuco

A partir de prospecções de campo e da elaboração do quadro amostral, definiu-se uma ficha de levantamento zooecológico que visava uma descri -

ção tão objetiva quanto possível da realidade estudada, garantindo também uma certa uniformidade de linguagem na obtenção de dados e no seu tratamento posterior.

A ficha de levantamento zoológico compunha-se de três partes básicas:

- 1- Identificação do local de levantamento, através de vários parâmetros;

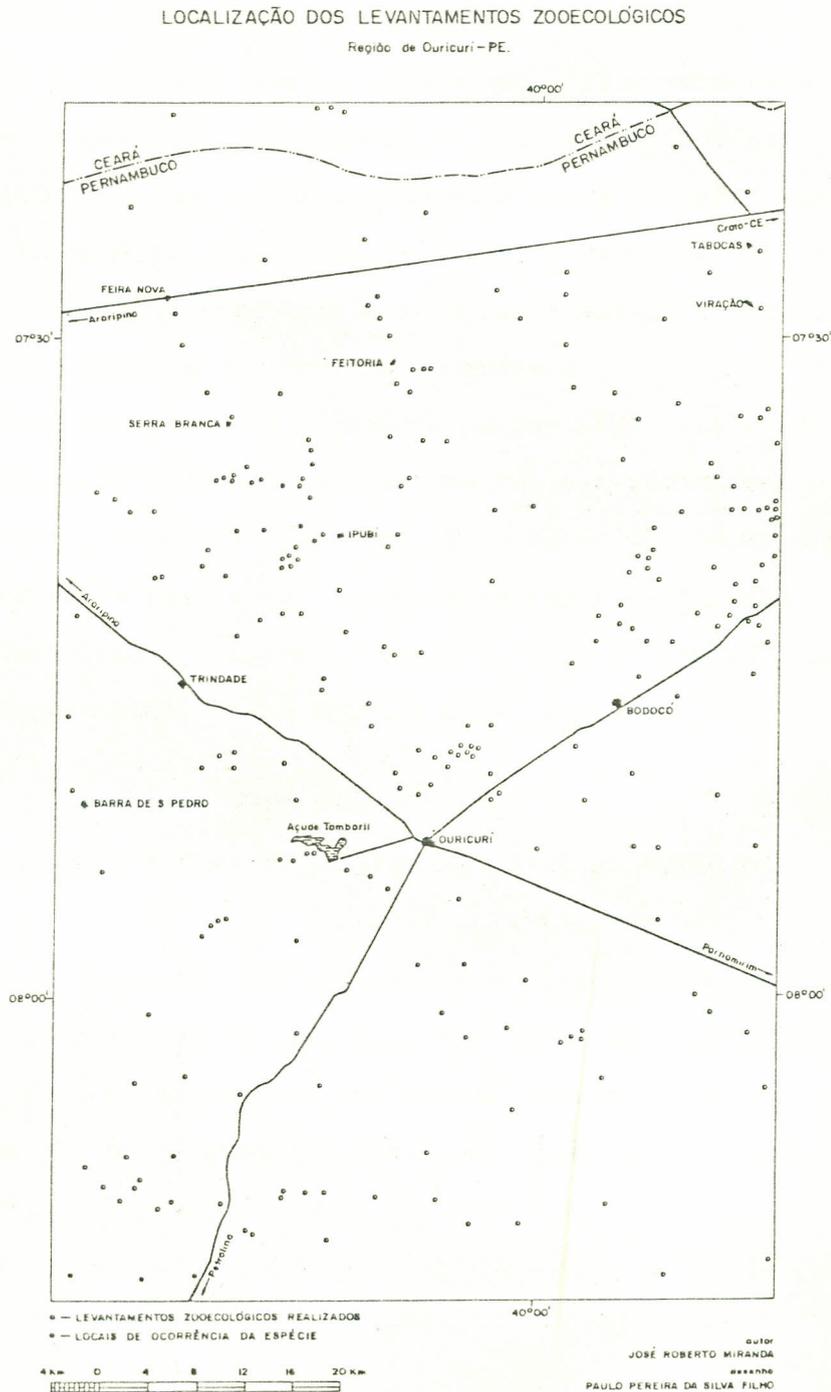


Figura 2.

- 2- A descrição do meio físico, da vegetação e da influência do homem a nível estacional através de 32 variáveis;
- 3- A análise faunística da estação.

Assim, a fauna foi considerada como um povoamento animal, observável in situ, composto de várias populações, entre as quais uma atenção particular foi dedicada à herpetofauna.

Foram realizados 244 levantamentos zo ecológicos (figura 2). Todos os dados obtidos foram estocados em computador e todo o material coletado foi devidamente etiquetado, com um número específico para cada animal. O conjunto desses espécimens encontra-se na coleção do CPATSA.

As 61 espécies de vertebrados constadas nessa primeira campanha de levantamentos da área de estudo, apresentaram a seguinte distribuição: se te anfíbios, 39 répteis, nove aves e seis mamíferos. A lista das espécies identificadas na região é apresentada no anexo 1.

A superfície coberta pela vegetação de caatinga é de aproximadamente 900.000 Km². Foram listadas 46 espécies de répteis pertencentes ao domínio das caatingas (Vanzolini 1980). As 39 espécies de répteis detectadas durante a campanha de prospecção representam cerca de 83% das espécies listadas por Vanzolini e ilustram a elevada diversidade do grupo na área estudada e a representatividade desta a nível regional.

FREQUÊNCIA E REPARTIÇÃO ESPACIAL DA HERPETOFAUNA

Para análise da repartição espacial das espécies, foram calculadas suas frequências relativas de presença nos levantamentos zo ecológicos. O exame dessas frequências mostra uma grande variabilidade na presença das espécies na região (figura 3), dentro do nível de percepção deste estudo (1/400.000).

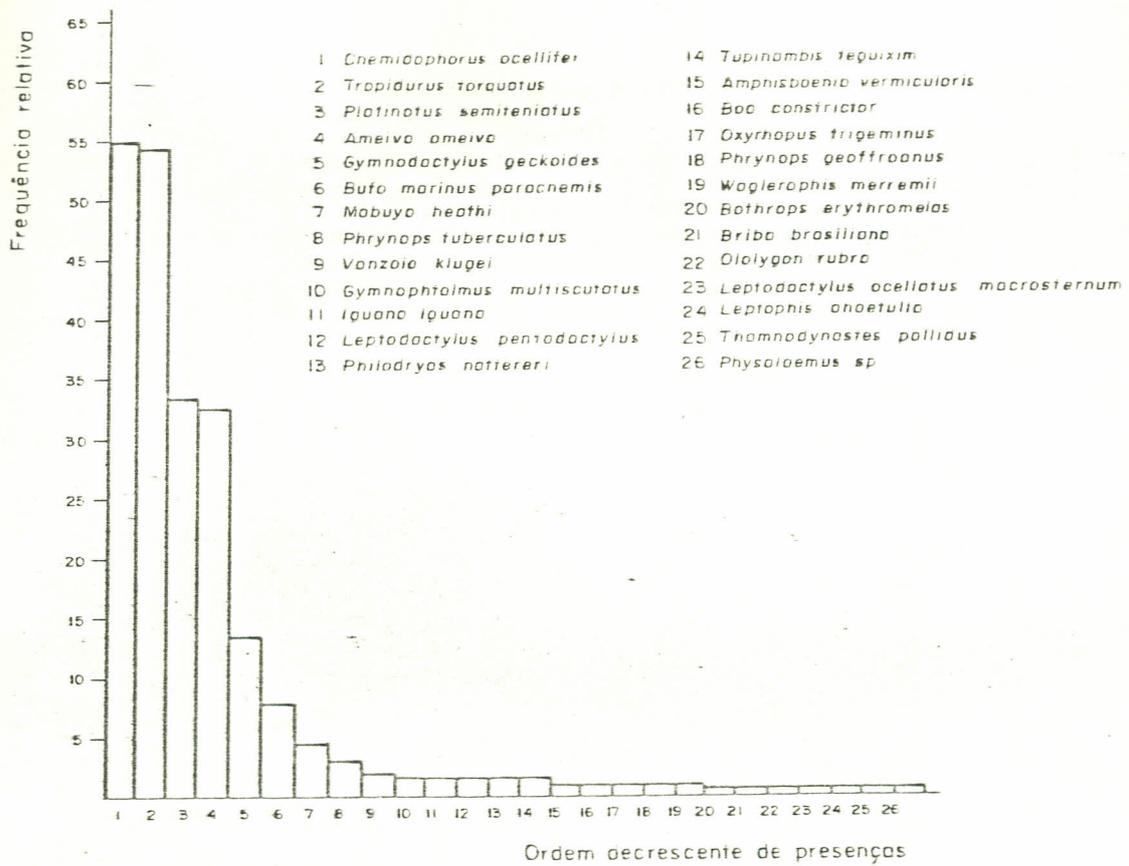


Fig. 3. Histogramo das frequências relativas de anfíbios e répteis da região de Ouricuri-PE.

É evidente que existe uma relação direta entre a frequência e a repartição espacial das espécies. Assim uma espécie abundante possui ao nível da região uma distribuição bastante diferente do que uma espécie rara. Todavia, mesmo dentro desses dois casos pode-se encontrar espécies com frequências equivalentes mas que possuem uma repartição espacial bem distinta, como mostram as figuras 4 e 5 para *Cnemidophorus ocellifer* e *Ameiva ameiva* (espécies abundantes) e 6 e 7 para *Mabuya heathi* e *Vanzosia klugei* (raras).

Esses exemplos mostram que mesmo para espécies com frequências equivalentes, suas repartições espaciais não são aleatórias. Assim torna-se necessário tentar-se compreender as razões que determinam, no caso da herpetofauna, essas diferenças de repartição.

Cnemidophorus ocellifer

Spix, 1825

Ocorrência espacial na região de Ouricuri-PE.

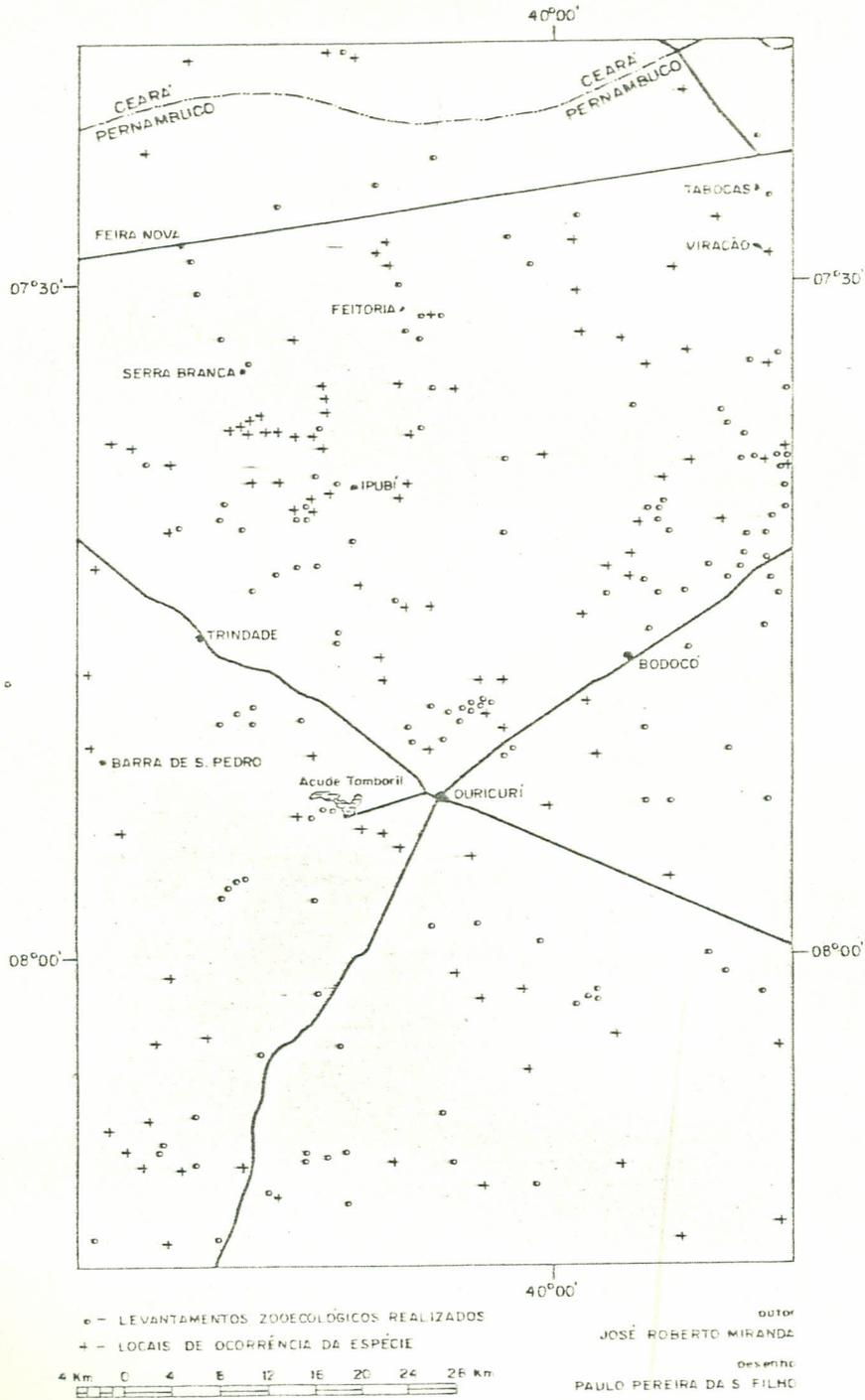


Fig. 4

Ameiva ameiva

Lineu, 1758

Ocorrência espacial no região de Ouricuri-PE.

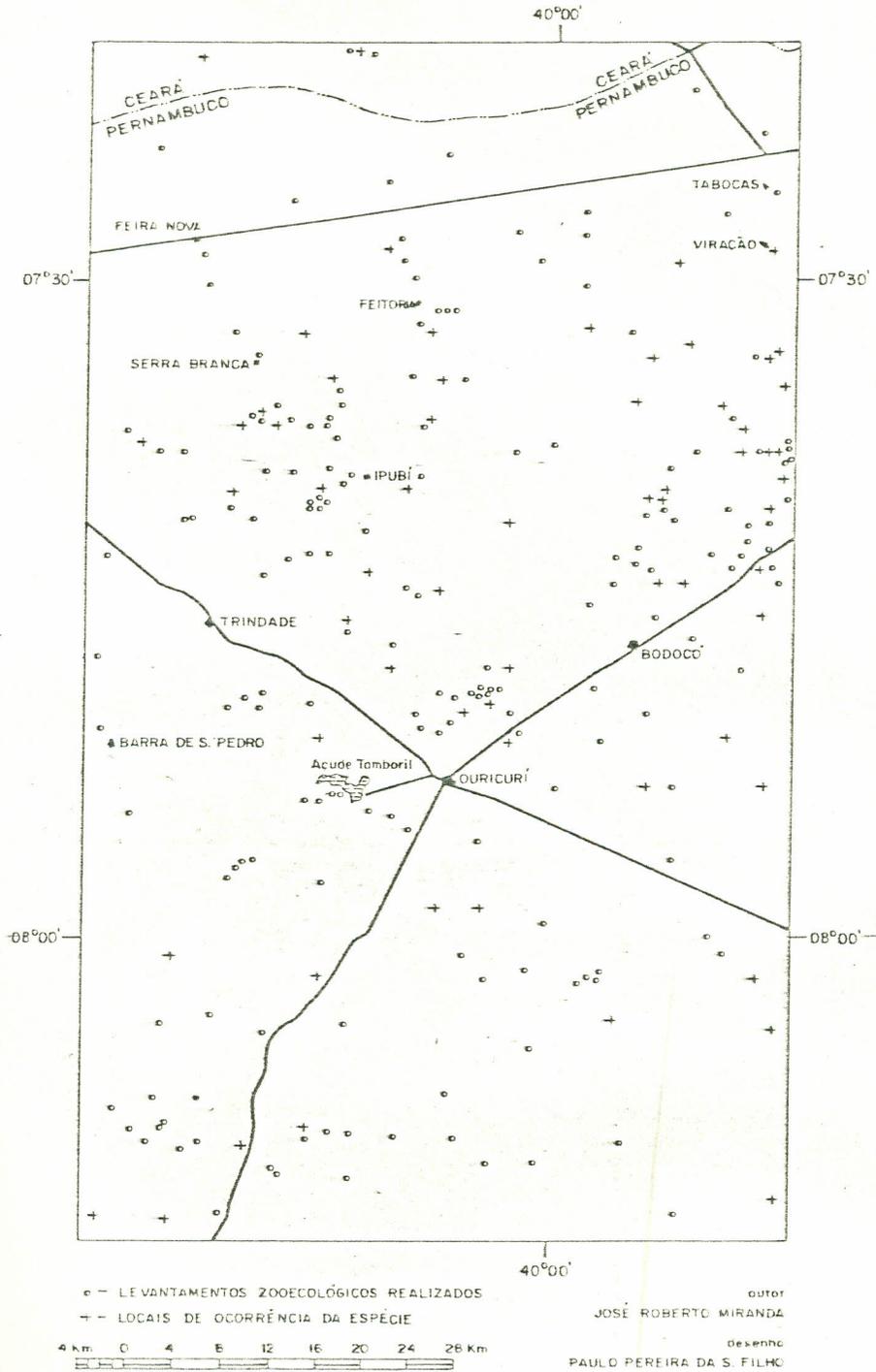


Fig 5

Mabuya heathi

Smidt & Inger, 1951

Ocorrência espacial na região de Ouricuri-PE.

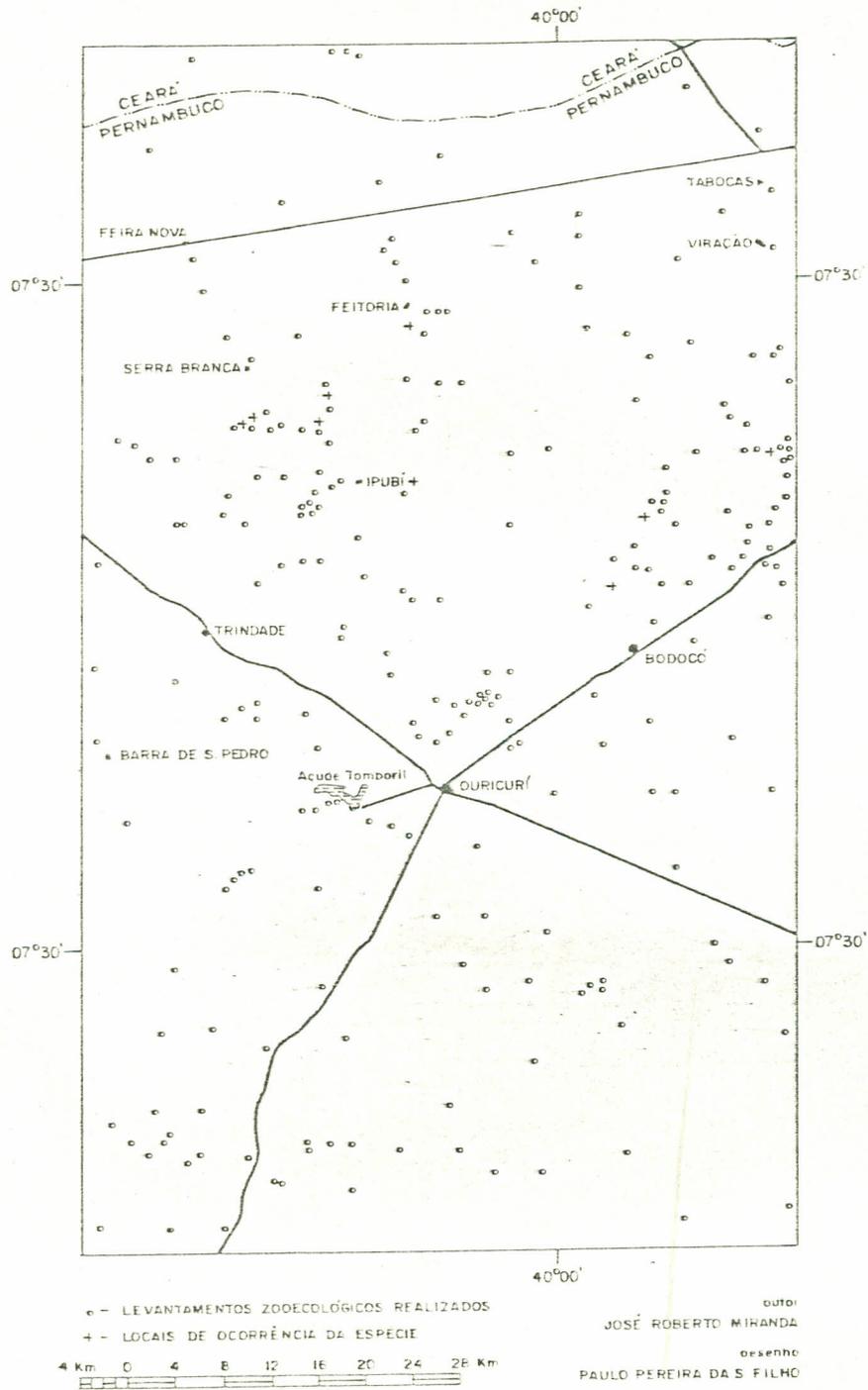


Fig. 6

Vanzola klugei
 Smith, Martin & Swain, 1977
 Ocorrência espacial na região de Ouricuri-PE.

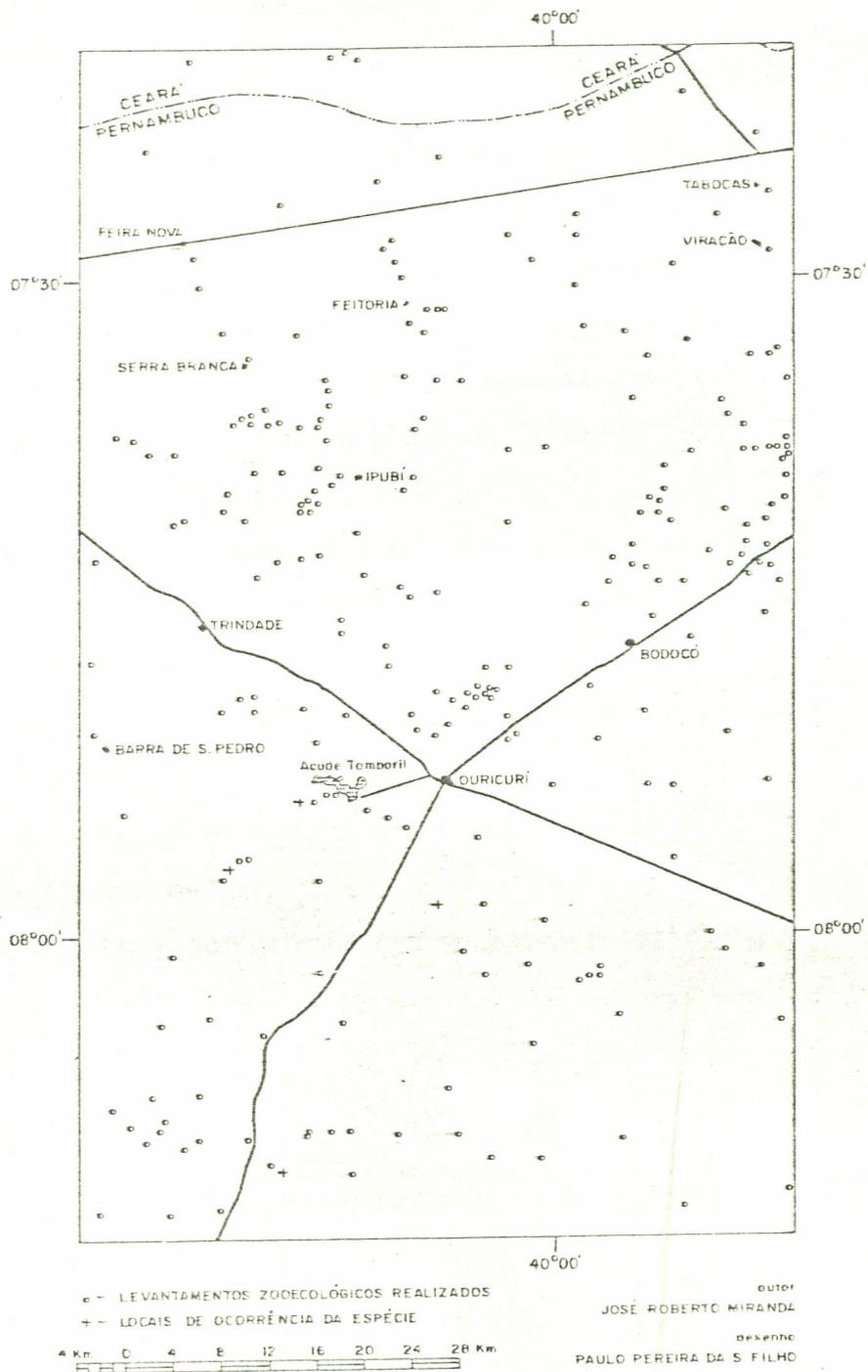


Fig. 7

ASPECTOS TEÓRICOS NA REPARTIÇÃO ESPACIAL DA FAUNA

Se basicamente as diferenças de repartição da fauna podem ser imputadas à biologia das espécies consideradas, a compreensão do tipo de repartição espacial de cada uma implica um estudo mais aprofundado das relações existentes entre sua população e o meio, um estudo a nível de zoo-cenose.

A noção de zoo-cenose ou de biogeocenose (SUKACHEV 1954) bastante simples do ponto de vista teórico, constitui um conceito de manipulação delicada quando se trata de delimitá-lo espacialmente. Na prática, as biogeocenoses estão imbricadas a níveis diversos e essa constatação pouco heurística, em termos de aplicação imediata, deve estar sempre presente no tratamento dos problemas ecológicos (PRENANT 1934, DURANTON & LAUNOIS 1979).

O nível de percepção adotado neste estudo não permite uma análise detalhada e diferenciada das 3 relações principais que compõe o sistema população/biocenose:

- 1- As interações verticais entre a presa e o predador da população considerada;
- 2- As interações horizontais entre a população de seus competidores ou concorrentes;
- 3- As interações intrínsecas ou intra-populacionais.

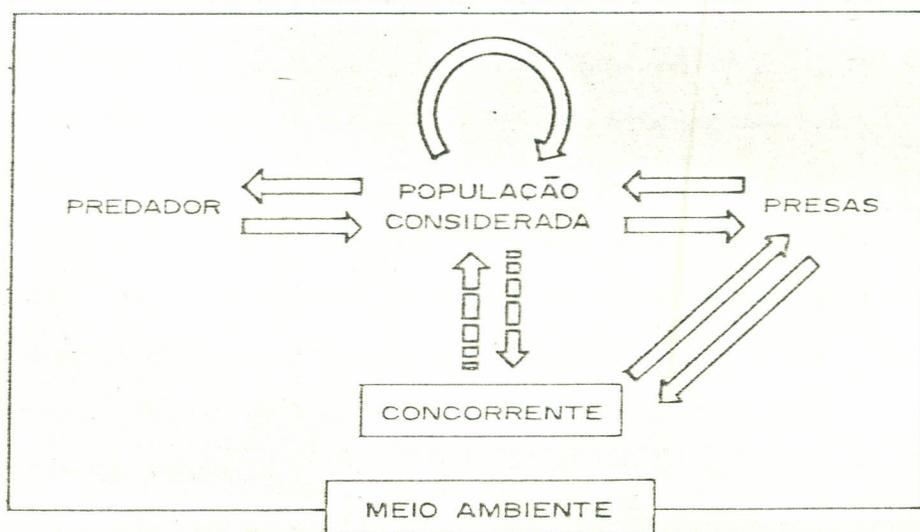


Fig. 8. Esquema do sistema população / meio ambiente

Todavia, esse estudo tentará compreender o sistema população/meio ambiente (BARBAULT 1979) considerando que os conjuntos dos três tipos de relação supra citados estão submetidos direta ou indiretamente à influência do meio ambiente (figura 8).

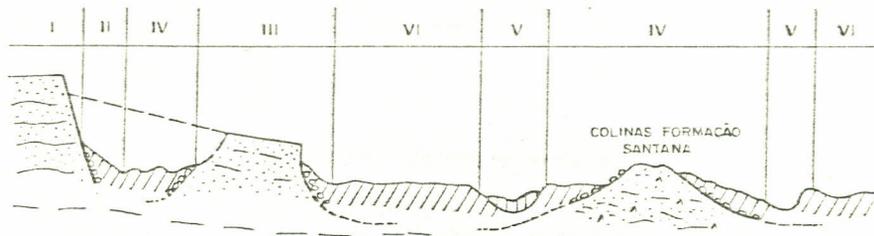
Ao tentar compreender o resultado da influência do meio sobre a repartição espacial das espécies da região, em termos de sistema população/meio ambiente é necessário precisar esta última noção.

A pura descrição do espaço geográfico em termos físicos, químicos ou biológicos por mais coerente que seja não deve mascarar o fato de que meio ambiente se refere a um ambientado. Assim condições idênticas, em termos descritivos, podem ter influências totalmente diferentes sobre a presa, o predador e a população considerada. Nesse sentido, a noção de meio ambiente só tem significado com referência a um organismo preciso. Em última instância sem ambientado não existe meio ambiente (GUINOCHE 1973).

A DIVERSIDADE ECOLÓGICA DA ÁREA ESTUDADA

A região de Ouricuri foi escolhida para este estudo devido à grande diversidade de situações ecológicas aí existentes. Este trabalho pode também beneficiar-se dos resultados obtidos pelos vários projetos de pesquisa desenvolvidos na região pelo Programa Nacional de Pesquisa "Avaliação dos Recursos Naturais e Socio-econômicos do Trópico Semi-Árido" do CPATSA/EMBRAPA.

Sem apresentar uma minuciosa descrição do clima, do meio físico (solos, relevo, ...) e da vegetação da região estudada, na síntese realizada com os documentos disponíveis, deu-se atenção especial aos aspectos mais permanentes do meio e que possuíssem também significativa variabilidade espacial. Desse ponto de vista, o clima da região é importante na caracterização das condições ambientais mas sua variabilidade ao nível da área



— LEGENDA —

oooo	Níveis de seixos rolados	I	Chapada do araripe
////	Pedimento	II	Tolúde do talésio
.....	Arenitos	III	Glacis antigos e seus taludes
—	Siltitos argilitos	IV	Vertentes
~~~~	Gipsita	V	Vales
		VI	Planaltos ondulados e pedimentados

Fig. 9. Unidades associadas às formações cretácicas

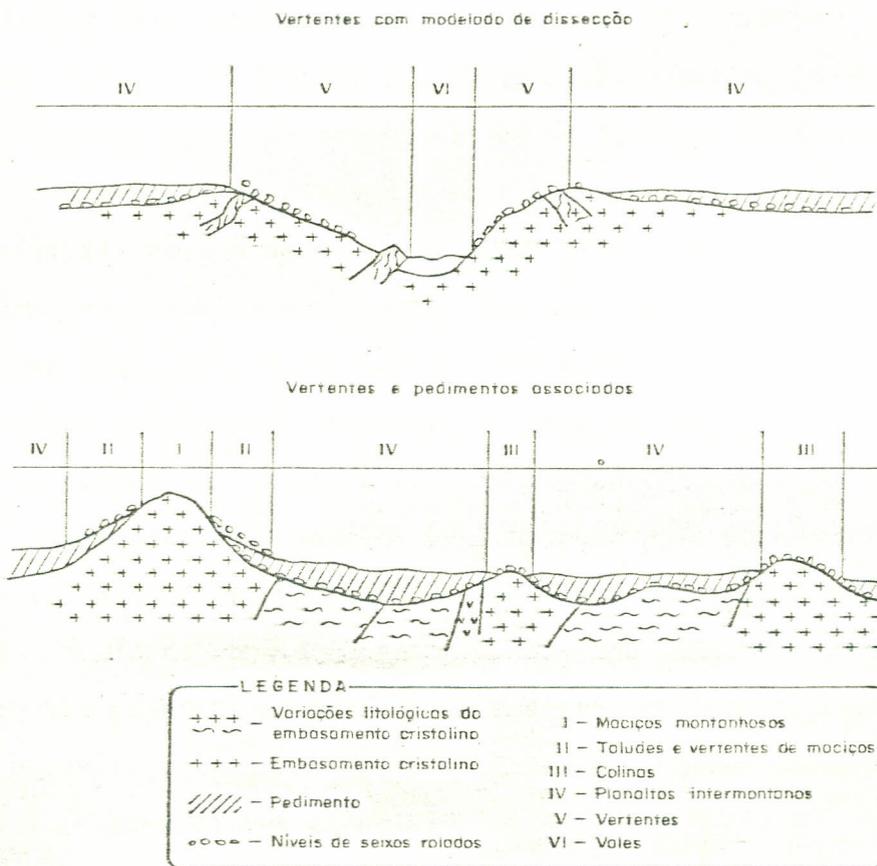


Fig. 10. Unidades associadas ao embasamento cristalino

de estudo não pode ser considerada como suficiente para determinar mudanças qualitativas ao nível das zoo-cenoses.

Já do ponto de vista do meio físico, a região apresenta uma grande variabilidade de situações que vão desde a Chapada do Araripe ao Norte até as superfícies não recobertas, ligadas ao embasamento cristalino no sul da área. Nesse sentido, o meio físico pode ser decomposto em dois grandes universos: as unidades morfopedológicas associadas ao embasamento cristalino (sul da região) e as associadas às formações cretácicas (norte da região). As figuras 9 e 10 ilustram esquematicamente essas principais unidades. Elas são compostas por um total de 38 divisões morfopedológicas, que determinam situações ambientais diferentes, sobretudo para a flora, a vegetação e a agricultura (MANTOVANI 1981). Todavia no que se refere a grandes unidades ecológicas, das quais pode-se esperar uma diversificação das populações e dos povoamentos animais, um zoneamento ecológico preliminar distingui 12 unidades de base ou principais (figura 11).

É com base a esse mapa de zoneamento ecológico que foi constituída a estratificação amostral. Dado o nível de percepção do estudo (1/100 000 no trabalho de campo e 1/200 000 ou 1/400 000 na expressão dos dados e resultados) não foram consideradas unidades cujo tamanho fosse inexpressivo para a escala espacial adotada. É da análise das repartições de frequência das espécies estudadas nessas unidades que surgem elementos de explicação de suas repartições espaciais.

#### PERFIS ECOLÓGICOS GLOBAIS DA HERPETOFAUNA

Para a análise das frequências de presenças das espécies nas diferentes unidades ecológicas que compõe a região estudada, foram calculadas suas frequências corrigidas (GUILLERM 1976), a partir do cálculo das frequências relativas (figura 12). Com base aos resultados obtidos construiu-se um quadro com os perfis ecológicos das diferentes espécies, ordenando-as em ordem decrescente de presença dentro das unidades (figura 13).

AVALIAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS E SÓCIO ECONÔMICOS DO TRÓPICO SEMI-ÁRIDO  
 Programa Nacional de Pesquisa 027 - CPATSA / EMBRAPA



autor  
 EVARISTO EDUARDO DE MIRANDA  
 desenho  
 PAULO PEREIRA DA SILVA FILHO

Legenda:

GRANDES UNIDADES FISIOGRAFICAS	UNIDADES DE BASE	CÓDIGO
CHAPADA	AREIAS	I
VERTENTES DA CHAPADA	ARENÍTICAS	II
	GRANÍTICAS	III
VÁLES DA CHAPADA	ARENÍTICOS	IV
	GRANÍTICOS	V
PEDIMENTOS DA CHAPADA	ARENÍTICOS	VI
	GRANÍTICOS	VII
RELEVOS RESIDUAIS	ARENÍTICOS	VIII
	EMBASAMENTO	IX
PEDIMENTOS DO EMBASAMENTO	MOSAICOS COMPLEXOS	X
PRINCIPAIS EIXOS HIDROGRÁFICOS	FUNCIONAIS E NÃO FUNCIONAIS	XI
RELEVOS DO SUL	ESCARPAS E INTERFLÚVIOS	XII

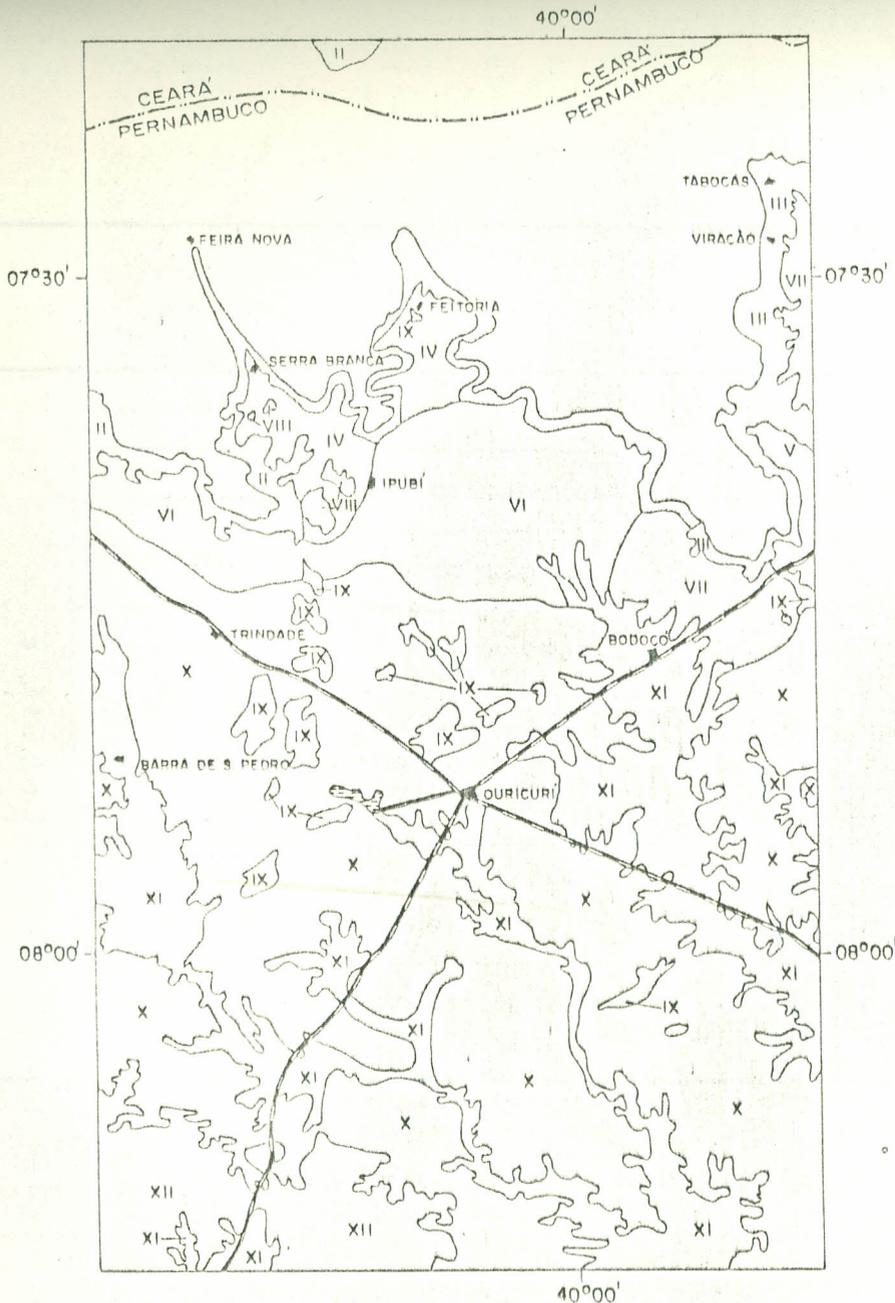


Fig. 11: Zoneamento ecológico  
 (Região de Ouricuri-PE)

			FATOR L						Conjunto dos levantamentos
			Classe 1	Classe 2	...	Classe K	...	Classe NK	
ESPÉCIE E	Perfil de conjunto	Nº de levantamentos	R (1)	R (2)	...	R (K)	...	R (NK)	$NR = \sum_1^{NK} R (K)$
	Perfil das frequências absolutas	Nº de presenças	U (1)	U (2)	...	U (K)	...	U (NK)	$\sum_1^{NK} U (K) = U (E)$
		Nº de ausências	V (1)	V (2)	...	V (K)	...	V (NK)	$\sum_1^{NK} V (K) = V (E)$
	Perfil das frequências relativas	Frequência relativa de presença	$\frac{U (1)}{R (1)}$	$\frac{U (2)}{R (2)}$	...	$\frac{U (K)}{R (K)}$	...	$\frac{U (NK)}{R (NK)}$	$\sum_1^{NK} \frac{U (K)}{R (K)} = \frac{U (E)}{NR}$
		Frequência relativa de ausência	$\frac{V (1)}{R (1)}$	$\frac{V (2)}{R (2)}$	...	$\frac{V (K)}{R (K)}$	...	$\frac{V (NK)}{R (NK)}$	$\sum_1^{NK} \frac{V (K)}{R (K)} = \frac{V (E)}{NR}$
	Perfil das frequências corrigidas	Frequência corrigida para as presenças	$\frac{U (1)}{R (1)} \cdot \frac{NR}{U (E)}$	$\frac{U (2)}{R (2)} \cdot \frac{NR}{U (E)}$	...	$\frac{U (K)}{R (K)} \cdot \frac{NR}{U (E)}$	...	$\frac{U (NK)}{R (NK)} \cdot \frac{NR}{U (E)}$	$\frac{U (E)}{NR} \cdot \frac{NR}{U (E)} = 1$
		Frequência corrigida para as ausências	$\frac{V (1)}{R (1)} \cdot \frac{NR}{V (E)}$	$\frac{V (2)}{R (2)} \cdot \frac{NR}{V (E)}$	...	$\frac{V (K)}{R (K)} \cdot \frac{NR}{V (E)}$	...	$\frac{V (NK)}{R (NK)} \cdot \frac{NR}{V (E)}$	$\frac{V (E)}{NR} \cdot \frac{NR}{V (E)} = 1$

Fig. 12. Perfil ecológico de uma espécie E para um fator ecológico L

ESPÉCIE	FREQUÊNCIA CORRIGIDA DAS ESPÉCIES NAS UNIDADES ECOLÓGICAS											
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	XII
1 - Ameiva ameiva	0,35	0,31	0,28	0,30	0,50	0,26	0,33	0,06	0,07	0,22	0,33	0,20
9 - Cnemidophorus ocellifer	0,61	0,44	0,05	0,65	0,20	0,63	0,47	0,44	0,11	0,52	0,50	0,45
33 - Tropicurus torquatus	0,08	0,56	0,55	0,60	0,40	0,26	0,53	0,31	0,22	0,63	0,60	0,45
30 - Platinotus semiteniatus	0,04	0,37	0,61		0,40	0,21	0,40	0,06	0,41	0,22	0,33	0,20
13 - Gymnodactylus geckoides			0,17	0,05	0,20		0,20		0,30	0,16		0,20
7 - Bufo marinus paracnemis		0,19		0,05	0,10		0,13			0,07	0,17	
22 - Mabuya heathi				0,20	0,10	0,05	0,13	0,06				
18 - Iguana iguana	0,04					0,05				0,04		
19 - Leptodactylus pentadactylus		0,06		0,05			0,07					
14 - Gymnophthalmus multiscutatus						0,05	0,07				0,03	
26 - Philodryas nattereri						0,05				0,04		0,05
35 - Vanzonia klugei									0,07	0,04		0,05
28 - Phrynops tuberculatus										0,11	0,07	0,05
34 - Tupinambis teguixim	0,08										0,03	
24 - Oxyrhopus trigeminus		0,06									0,03	
4 - Boa constrictor			0,05							0,04		
27 - Phrynops geoffroanus			0,05							0,04		
5 - Bothrops erythromelas	0,38											
32 - Thamnodynastes pallidus		0,06										
38 - Physalaemus sp			0,05									
20 - Leptodactylus ocellatus macrosternum						0,05						
2 - Amphisbaenia vermicularis							0,13					
6 - Briba brasiliana							0,07					
21 - Leptophis ohaetulla									0,04			
16 - Ololygon rubra										0,04		
36 - Waglerophis merremii										0,07		
Nº ESPÉCIES POR UNIDADE	7	8	8	7	7	9	11	5	7	14	9	8
Nº LEVANTAMENTOS POR UNIDADE	26	16	16	20	10	19	15	16	27	27	30	20

Fig. 13. Perfis ecológicos globais da herpetofauna

Região de Ouricuri-PE

## INFLUÊNCIA DO MEIO SOBRE A REPARTIÇÃO ESPACIAL DA HERPETOFAUNA

Da análise do quadro dos perfis ecológicos, vários aspectos podem ser destacados:

. O primeiro é a tendência a um aumento do número de espécies na medida em que diminue o número de unidades onde elas estão obrigatoriamente presentes. Assim passa-se de 3 espécies presentes em todas unidades ecológicas para 9 presentes em uma das unidades, evidenciando a ação seletiva do meio sobre as populações. Nesse sentido era lógico esperar-se que o número de espécies "indiferentes" às diversas unidades ecológicas da região fosse inferior ao das espécies que tem seu ótimo de presença situado em uma ou duas unidades.

. Visto do lado coluna ou do lado das unidades, pode-se ter uma primeira apreciação da diversidade da herpetofauna nas diferentes unidades. Assim por exemplo, as unidades IX e X que tiveram um número de levantamentos idênticos (27) possuem povoamentos bem diferentes (7 espécies no primeiro caso e 14 no segundo). Assim é interessante notar que a unidade mais pobre em espécies (unidade VIII) é também a que menos possui espécies pouco abundantes, no presente caso. Enquanto a unidade mais rica em espécies (unidade X) é a que mais possui espécies raras.

. É importante notar que se as espécies presentes na maioria das unidades como Ameiva ameiva, Cnemidophorus ocellifer, Tropidurus torquatus e Platinotus semiteniatus se caracterizam quase sempre por uma frequência corrigida elevada ao nível de cada unidade ecológica. A relação entre esse fato e a abundância dos indivíduos que constituem a população deverá ser estudada no futuro. O raciocínio inverso pode ser empregado no caso das espécies raras.

. Aflorando a questão dos povoamentos da herpetofauna pode-se salientar o fato de uma ocorrência análoga de Ameiva ameiva e Platinotus semiteniatus de um lado, e Cnemidophorus ocellifer e Tropidurus torquatus do outro nas unidades VIII, X, XI e XII. Já na unidade I há uma "troca de pares", enquanto nas unidades restantes há vários casos distintos. Um com

portamento análogo em relação as diferentes unidades ecológicas pode ser observado para Leptodactylus pentadactylus e Bufo marinus paracnemis.

O tratamento futuro das variáveis ecológicas levantadas a nível de cada prospecção deverá permitir de identificar os fatores do meio que estariam pesando mais diretamente na distribuição das espécies. Ao mesmo tempo poder-se-ia identificar questões prioritárias a serem tratadas ao nível da pesquisa sobre a herpetofauna da região. Sobretudo no caso das espécies mais abundantes e que devem ter uma atuação mais importante ao nível dos agroecossistemas (controle de insetos p. ex.).

## CONCLUSÕES

Os estudos iniciados sobre a herpetofauna da região de Ouricuri ainda não permitem conclusões definitivas somente algumas reflexões. A pertinência do método empregado na obtenção de dados ficou comprovada em trabalho anterior pelos resultados brutos obtidos em termos de representatividade da fauna regional. Já os métodos utilizados para o tratamento de dados exigem resultados elaborados que são o fruto de demoradas investigações. Todavia, a herpetofauna da região parece bastante sensível às variações do meio ambiente, sobretudo dada as condições de semi-aridez onde uma pequena diferença de vegetação ou de água disponível podem representar biótipos extremamente distintos.

Os cálculos dos perfis ecológicos das espécies permitiram indicar, de modo quantitativo, a variabilidade espacial das espécies e uma primeira comparação interpopulacional, aflorando a questão dos povoamentos faunísticos.

Um trabalho mais apurado deverá definir mais claramente quais as variáveis ecológicas que, a nível de unidade ou de espécie, determinam as flutuações espaciais da população. De modo análogo a repetição desse tipo de amostragem em épocas diferenciadas poderá permitir verificação da importância da sazonalidade nos fenômenos observados. Esses estudos deverão ajudar uma melhor compreensão do meio ambiente em função do ambientado e dos objetivos perseguidos pelo pesquisador.

## BIBLIOGRAFIA

- BARBAULT R. - Populations et Peuplements, Aspects Théoriques et Appliqués - Cours Post. Universitaire. Milieu Naturel - Aménagement, Commission Française Pour L' U.N.E.S.C.O. - 1979 50 p.
- DURANTON J. F. & LAUNOIS M. - Ecologie Opérationnelle en Zone Semi Aride Doc. GERDAT/MINIST. Coopération, 1978 30 p.
- GUILLERM J. L. - Sur les États de Transition dans les Phytocénoses Post-Culturales. Thèse d'état U.S.T.L. - Montpellier - 1978 127 p.
- GUINOCHET M. - Phytosociologie. Paris Masson, 1973 227 p.
- MANTOVANI, L. E. - Caracterização Morfopedológica dos Meios Físicos da Região de Ouricuri-PE; Relatório de Pesquisa. Petrolina-PE, EMBRAPA/CPATSA, 1981 5 p.
- MIRANDA E. E. de; MIRANDA, J. R.; PADILHA, T. N.; LIMA VERDE, J.S.; CORTES GUIX, J. C. & MORAES, G. J. - Avaliação da Herpetofauna e de suas Relações com a Agricultura na Região de Ouricuri, Petrolina-PE, EMBRAPA/CPATSA, 1980 11 p. Projeto de Pesquisa
- MIRANDA, E. E. de - Avaliação da Herpetofauna e de suas Relações com a Agricultura na Região de Ouricuri-PE; Relatório de Pesquisa. Petrolina-PE, EMBRAPA/CPATSA, 1981 5 p.
- MIRANDA J. R. & MIRANDA E. E. de - Método de Avaliação Faunística em Território Delimitado; O caso da região de Ouricuri-PE. EMBRAPA/CPATSA, 1981 25 p. Série Documentos nº 11

PRENANT M. - Adaptation, Ecologie et Biocénotique. Paris. Herman et Cie. - 1934. 60 p.

SUKACHEV N. V. - Quelques Problèmes Théoriques de la Phytosociologie. Essais de Botanique, Acad. Sc. URSS. 1954. pp. 310-330

VANZOLINI, P. E.; RAMOS-COSTA, A. M. M. & VITT, L. J. - Répteis das Caatingas. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Ciências, 1980. 16 lp. il.

X

ANEXO 1

Lista das espécies identificadas na região de Ouricuri (PE) na primeira campanha de levantamentos (dezembro a março de 1981).

Anfíbios

Bufo granuloso	Cururu
Bufo paracnemis (Lutz, 1934)	Cururu
Hemipha carvalhoi	Pipa
Leptodactylus ocellatus (Miranda Ribeiro, 1926)	Caçote
Leptodactylus pentadactylus (Spix, 1824)	Jia
Ollolygon rubra	Rã-de-pote
Physalaemus sp.	Rã vermelha

Répteis

Ameiva ameiva (Lineu, 1758)	Bico doce
Amphisbaenia vermiculares (Wagler, 1824)	Cobra de duas cabeças
Boa constrictor (Lineu, 1758)	Jibóia
Bothrops erythromelas (Amaral, 1935)	Jararaca
Briha brasiliiana (Amaral, 1935)	Lagartixa
Clelia occipitolutea (Duméril, Bribon & Duméril, 1844)	Cobra preta
Cnemidophorus ocellifer (Spix, 1825)	Calango
Crotalus durissus (Lineu, 1758)	Cascavel
Dromicus poecilogyrus (Wied, 1825)	Jararaquinha
Dromicus viridis (Gunther, 1862)	Cobra verde
Epicrates cenchria (Lineu, 1758)	Salamanta
* Gynmodactylus geckoides (Spix, 1825)	Lagartixa
* Gymnophthalmus multiscutatus (Amaral, 1933)	Briha
Helicops leopardinus (Schlegel, 1873)	Cobra d'água
Hemidactylus mabouia (Moreau de James, 1818)	Osga
* Iguana iguana (Lineu, 1758)	Camaleão

- * *Leptophis ahaetulla* (Wied, 1824) ..... Cobra-cipó
- Lygophis lineatus* (Lineu, 1758) ..... Jararaquinha
- Liophis mossoroensis* (Hoge & Lima Verde, 1972) ..... Jararaquinha
- * *Mabuya heathi* (Smidt & Inger, 1951) ..... Briba
- Micrablepharus maximiliani* (Reinhardt & Lutken, 1862) ..... Briba
- Micrurus ibiboboca* (Merren, 1820) ..... Coral
- Nothobachia ablephara* (Trefand Rodrigues, 1981) ..... Briba
- Oxybelis aeneus* (Wagler, 1824) ..... Cobra-cipó
- * *Oxyrhopus trigeminus* (Duméril, Bribon & Duméril) ..... Coral
- * *Phylodrias nattereri* (Stendachner, 1870) ..... Corredeira
- Phylodrias olffersii* (Lichtenstein, 1823) ..... Cobra verde
- * *Phrynops geoffroanus* (Schweigger, 1812) ..... Cágado
- * *Phrynops tuberculatus* (Luederwaldt, 1926) ..... Cágado
- * *Platinotus semiteniatus* (Spix, 1825) ..... Lagartixa de lãjedo
- Polychrus acutirostris* (Spix, 1825) ..... Preguiça
- Phyllopezus pollicaris* (Spix, 1825) ..... Lagartixa
- Pseudoboa nigra* (Duméril, Bribon & Duméril, 1854) ..... Cobra preta
- Spilotes pullatus* (Lineu, 1758) ..... Caninana
- * *Thamnodynastes pallidus* (Lineu, 1758) ..... Jararaquinha
- * *Tropidurus torquatus* (Wied, 1820) ..... Lagartixa preta
- * *Tupinambis teguixim* (Lineu, 1758) ..... Teiú
- * *Vanzonia Klugei* (Smith, Martin & Swain, 1977) ..... Osguinha
- * *Waglerophis merremii* (Wagler, 1854) ..... Malha de cascavel
  
- * Espécies pertencentes ao quadro amostral

Aves

- Cariama cristata* (Lineu, 1766) ..... Seriema
- Chordelis minor* (Forster, 1771) ..... Bacurau
- Cyanocorax cyanopogon* (Wied, 1821) ..... Cancão
- Fruvicolâ pica albiventris* (Spix, 1825) ..... Lavadeira

*Icterus jamacaii* (Gmelin, 1788) ..... Sofré  
*Machetornis rixosa rixosa* (Vieillot, 1819) ..... Suiriri  
*Paroaria dominicana* (Lineu, 1758) ..... Cardeal  
*Pitangus sulphuratus maximiliani* (Cabanis & Heine, 1859)..... Bem-te-vi  
*Zenaida auriculata* (Lineu, 1758) ..... Avoante

Mamíferos

*Callithrix jacchus* (Lineu, 1758) ..... Soim  
*Dasypus novecinctus* (Lineu, 1758) ..... Tatu  
*Euphractus sexcinctus* (Wagler) ..... Tatu peba  
*Galea spixii wellsi* (Osgood, 1915) ..... Preá  
*Mazama gouazoubira* (Fisch, 1814) ..... Veado catingueiro  
*Tamandua tetradactyla* (Lineu, 1758) ..... Tamanduá colete